

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA –**  
**CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL**  
**COM O APOIO DA FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO**  
**E A COLABORAÇÃO ESPECIAL DO DEPARTAMENTO DE CINEMA DO MOMA**  
**28 de outubro de 2023**

**PROGRAMA “RESSONÂNCIAS DURADOURAS: CONTINUIDADE E**  
**MUDANÇA”**

**TO HEAR YOUR BANJO PLAY / 1946**

*de Willard Van Dyke, Irving Lerner*

*Produção e Realização: Willard Van Dyke, Irving Lerner / Argumento: Alan Lomax / Direção de Fotografia: Richard Leacock e Peter Glushanok & Larry Madison (fotografia adicional) / Participações: Pete Seeger, Woody Guthrie, Baldwin Hawes, Sonny Terry, Brownie McGhee, Texas Gladden, Margot Mayo’s American Square Dance Group / Cópia: DCP, a preto e branco, falado em inglês com legendagem eletrónica em português / Duração: 17 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**EMERGENCY WARD / 1951**

*de Leo Hurwitz, Fons Iannelli*

*Realização e Montagem: Leo Hurwitz / Direção de Fotografia: Fons Iannelli / Produção: Filmscope / Cópia: DCP, a preto e branco, falado em inglês com legendagem eletrónica em português / Duração: 16 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**THE YOUNG FIGHTER / 1953**

*de Leo Hurwitz*

*Realização e Montagem: Leo Hurwitz / Direção de Fotografia: Fons Iannelli / Produção: Filmscope / Cópia: DCP, a preto e branco, falado em inglês com legendagem eletrónica em português / Duração: 29 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 6 de dezembro de 1982, integrado no “Ciclo Leo Hurwitz”.*

**CONFRONTATION / 1975**

*de Maurice Bailen*

*Realização e Montagem: Maurice Bailen / Cópia: DCP, a cores, mudo, com texto em inglês traduzido eletronicamente em português / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

*Duração aproximada da projeção: 74 minutos.*

Sessão com apresentação por Tom Hurwitz.

\*\*\*

O programa dedicado ao documentário no período do New Deal chega a este ponto e parte-se, dispersa-se, apontando a várias e diferentes direções. A relativa coesão dos tempos pararevolucionários dá lugar a um certo fascínio pela técnica e pelos filmes de retrato mais ou menos observacionais. Temos, como último estertor do movimento documental americano do período, um documentário musical sobre a história do banjo, de instrumento dos escravos a “arma para matar fascistas” nas mãos de Woody Guthrie, mas acima de tudo de uma cativante sonoridade tal como nos ilustra o “cicerone” Pete Seeger. Um filme que antecipa uma boa e saudável tradição antropológica de recuperação das sonoridades mais profundas da América, que será continuada e expandida por Les Blank nos seus maravilhosos “frescos” sobre os *blues*, a *polka*, a música Cajun e outras manifestações culturais mais ou menos esquecidas que nos levam até às raízes da chamada “Americana”. O filme de Willard Van Dyke e Irving Lerner, dois nomes maiores da escola documental de Nova Iorque, é como um banquete de danças tradicionais, sonoridades vibrantes, veiculando, enfim, um certo desejo, algo saudoso, de retorno à origem e um certo sentido de comunidade tipicamente americano – já estamos muito longe do espírito mais contestatário, por vezes divisivo e sempre engajado, que enformou muitas das suas obras, tais como **Valley Town** (1940), realizado por Van Dyke e montado por Lerner, ou **A Place to Live** (1941), realizado a solo por Lerner (recompensado com uma nomeação para o Óscar de Melhor Documentário, em 1942).

Em **Emergency Ward**, entramos, de rompante, na ala de emergência de um hospital nova-iorquino, numa obra que tira o melhor proveito possível do equipamento leve de filmagem e captação de som concebido pelo fotógrafo da *Look*, Fons Iannelli. Iannelli havia fundado a agência de fotojornalismo Scope Associates, a partir da qual o próprio diversificou a sua atividade ao fazer experiências no campo do cinema. Filmscope Inc. é a produtora tanto de **Emergency Ward** como de **Young Fighter**. O primeiro filme – que por coincidência tem o mesmo título, assunto e estilo de realização da obra do americano William Greaves realizada no Canadá, em 1958 – serve de “demonstração” para o que se seguiria. Iannelli terá abordado o produtor responsável pela série documental, feita para a televisão, chamada *Omnibus*, convencendo-o a avançar com um documentário sobre um pugilista no início da sua carreira. São dois filmes-siameses, ligados por uma técnica/estética, ainda em teste, que fez escola e ganhou um nome: “direct cinema”. Debaixo desta categoria vão caber os nomes dos irmãos Mayles, de D. A. Pennebaker, de Richard Leacock (que aparece creditado como diretor de fotografia de **To Hear Your Banjo Play**) e, pelo menos numa primeira fase, de Frederick Wiseman. No início dos idos anos 50, Hurwitz estava na lista negra (*blacklisted*), proscrito de qualquer atividade como cineasta (e não só), em resultado do esquema de denúncias e perseguições, o “Red Scare”, iniciado pelo infame senador McCarthy e “facilitado” pelas denúncias feitas por Elia Kazan ao House Un-American Activities Committee. A intervenção e cumplicidade de Iannelli e da sua Filmscope Inc. foram, então, providenciais para que Hurwitz voltasse a realizar.

Um outro fotógrafo da *Look* realizara, alguns anos antes, um retrato igualmente cândido de um pugilista cuja vida se divide entre arenas. Em **Day of the Fight** (1951), do *rookie* Stanley Kubrick, mas sobretudo aqui, em **Young Fighter**, seguimos a vida familiar e o intenso treino acompanhado bem de perto pelo treinador e pelo *manager*, de um lado, e o momento decisivo do embate tenso e sangrento, do outro. Tanto Kubrick como Hurwitz associado a Iannelli – o primeiro usou o segundo como “testa de ferro” para a realização

de **Young Fighter** – interessam-se mais pela esfera privada da vida do pugilista do que pelo boxe propriamente dito. Em **Young Fighter**, talvez o embate mais difícil seja mesmo aquele que “se joga” à mesa, na presença da mulher do pugilista. Falo da cena em que o treinador e *manager* procuram tornar absolutamente transparente o que esperam de uma mulher de um pugilista vencedor: incondicional dedicação. Sentimos o cerco a apertar-se no rosto dela. Detetamos nas pequenas reações permitidas – é que quase não lhe é dado tempo para responder – sinais de um futuro hipotecado (por exemplo, aquele que permitiria a prossecução de uma carreira, já iniciada, como enfermeira?).

**Confrontation** é um filme de montagem, à boa maneira dos primeiros trabalhos de Leo Hurwitz feitos para a Film and Photo League, por exemplo, **Hunger** (1933), ou das (re)montagens dialéticas realizadas para a Frontier Films, por exemplo, **Heart of Spain** (1937). Mas, além do material ter sido capturado pelo próprio Maurice Bailen, de modo decisivo estamos já noutra época, mais concretamente em 1975: o ímpeto revolucionário amainou e a América luta, dentro de portas, contra uma guerra injusta, ingrata e humilhante travada lá fora, no Vietname. As manifestações multiplicam-se nos registos em 16 mm, mudos e de cores esplendorosas. Têm a assinatura do algo misterioso realizador chicaguense Maurice Bailen, considerado uma das figuras principais da cena *underground*, tendo apadrinhado vários realizadores formados na sua cidade-natal, onde desenvolveu uma curta filmografia (a conhecida ao dia de hoje conta com menos de uma mão cheia de títulos). É do seu arquivo particular que este filme nasce, quer dizer, de imagens em movimento, mas também de jornais, revistas, em que o texto e as fotografias servem de intertítulos vivos, “texto imanente” (assaz violento, quase bárbaro) que comenta o momento social e político do país. Bailen havia realizado em 1934, para o polo da Workers Film and Photo League em Chicago, o documentário semi-ficcional **The Great Depression**. Eis uma das obras mais estupefacentes e desesperançadas do período: filme completamente mudo que põe em evidência o colapso, social, económico e anímico, de uma nação, a partir das divagações, sem rumo, de um “forgotten man” igual a tantos outros, interpretado por Jacques Jacobsen. Em 1975, ainda que como puro montador-*filmneur*, a atitude é a mesma, no fundo e na forma, e está enunciada logo no título: confrontação.

Luís Mendonça